










FREEDOM AS AN ONTOLOGICAL AND CULTURAL FOUNDATION



LIBERDADE COMO FUNDAMENTO ONTOLÓGICO E CULTURAL

RABELO, Elizabeth Avelino; TOMAZ, Ana Caroline de Brito Evangelista; MOURA, Claudia Helena Gonçalves; OLIVEIRA, Ana Francisca; ALVES, Samuel José Bueno; SOUSA, Vanessa de; MACHADO, Sílvio Memento; PIMENTA, Christiane Navarra Frogeri; BUENO, Flaviana Neias; OLIVEIRA, Flávia

-  **Elizabeth Avelino Rabelo**, UNIFENAS, Brasil
-  **Ana Caroline de Brito Evangelista Tomaz**, UNIFENAS, Brasil
-  **Claudia Helena Gonçalves Moura**, UNIFENAS, Brasil
-  **Ana Francisca de Oliveira**, UNIFENAS, Brasil
-  **Samuel José Bueno Alves**, UNIFENAS, Brasil
-  **Vanessa de Sousa**, UNIFENAS, Brasil
-  **Sílvio Memento Machado**, UNIFENAS, Brasil
-  **Christiane Navarra Frogeri Pimenta**, UNIFENAS, Brasil
-  **Flaviana Neias Bueno**, UNIFENAS, Brasil
-  **Flávia Aparecida Oliveira Santos**, UNIFENAS, Brasil

Revista Científica da UNIFENAS
 Universidade Professor Edson Antônio Velano, Brasil
 ISSN: 2596-3481
 Publicação: Mensal
 vol. 6, nº. 2, 2024
revista@unifenas.br

Recebido: 13/03/2024
 Aceito: 14/03/2024
 Publicado: 18/03/2024

URL: <https://revistas.unifenas.br/index.php/revistaunifenas/issue/view/48>

DOI: [10.29327/2385054.6.2-14](https://doi.org/10.29327/2385054.6.2-14)

ABSTRACT: Through a theoretical essay, the aim is to present a discussion of how freedom and culture are related based on how the subject appropriates, positions, and responds to events and the world in general. As the guiding thread of the discussion, we elected the relationship between subjectivity and culture according to traditional and modern philosophical conceptions of the interrelation between freedom, subjectivity and culture. For the discussion around the idea of freedom, we rely on the phenomenological and existential thought of the French philosopher Claude Romano and the Austrian psychiatric Viktor Frankl. From the British philosopher Terry Eagleton, the Polish historian Stanislaw Grygiel and the Italian philosopher Angela Ales Bello, we present concepts and views on how culture is understood, how it distances itself from and relates to the ideas of nature and civilization. We highlight the implications of considering freedom as a personal position as a condition for existence, permanence, and continuous reconstruction of culture. We conclude that the originally human potential of creation and free action carries implications that unify subjectivity and objectivity, individual life and social life, subject and culture. Implying, still, in an ethical dimension that is not restricted to the particularisms and wills of each society that generate indifference, but that invites to reposition the centrality and unity between subjectivity and culture.

KEYWORDS: Freedom and subjectivity; Culture and Civilization; Phenomenology and Existentialism.

RESUMO: Por meio de um ensaio teórico objetiva-se apresentar uma discussão acerca de como liberdade e cultura se relacionam a partir da maneira como o sujeito se apropria, posiciona-se e responde aos acontecimentos e ao mundo em geral. Como fio condutor da discussão elegemos a relação entre subjetividade e cultura segundo concepções filosóficas tradicionais e modernas da inter-relação entre liberdade, subjetividade e cultura. Para a discussão em torno da ideia de liberdade nos apoiamos no pensamento fenomenológico e existencial do filósofo francês Claude Romano e o do psiquiatra austríaco Viktor Frankl. A partir do filósofo britânico Terry Eagleton, do historiador polonês Stanislaw Grygiel e da filósofa italiana Angela Ales Bello, apresentamos conceitos e visões de

como a cultura é entendida, como se distancia e se relaciona com as ideias de natureza e civilização. Evidenciamos as implicações de se considerar a liberdade enquanto posicionamento pessoal como condição para a existência, permanência e reconstrução contínua da cultura. Concluimos que o potencial originariamente humano de criação e de livre agir carrega implicações que unifica subjetividade e objetividade, vida individual e vida social, sujeito e cultura. Implicando, ainda, em uma dimensão ética que não se restringe aos particularismos e arbítrios de cada sociedade que geram indiferença, mas que convida a recolocar a centralidade e a unidade entre subjetividade e cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Liberdade e Subjetividade; Cultura e Civilização; Fenomenologia e Existencialismo.

1 INTRODUÇÃO

1.1. Liberdade e responsabilidade como singularização do sujeito: algumas noções de sujeito e experiência

O advento da filosofia e ciência modernas, diferentemente da noção tradicional, associou experiência à racionalidade. Se antes a experiência era uma forma de saber humano adquirido através de aprendizagens sem pré-determinações, agora ela se torna um método de conhecimento preciso, perdendo seu caráter de imprevisibilidade e finitude. Na cultura moderna, a experiência se tornou um acúmulo progressivo e infinito de conhecimento [1].

Essa noção de experiência associada à racionalidade concebe a subjetividade a partir de uma instância transcendental a partir da qual o sujeito permanece o mesmo independente de qualquer adversidade ou acontecimento. Nessa perspectiva, o sujeito reflete a noção de um subjacente que permanece idêntico a si mesmo para além de tudo que lhe ocorre, detendo em seu poder o controle e a determinação de tudo que lhe acontece [1].

Contrapondo essa noção da filosofia moderna de sujeito racionalista que faz a si mesmo, Claude Romano, filósofo francês contemporâneo, aponta para uma ideia de experiência que não está em poder do sujeito e que não se reduz a uma relação cognitiva e teórica com o mundo. Martins [1], em seus estudos sobre esse filósofo francês, apresenta duas ideias de experiência: uma que aparece na filosofia moderna de inspiração empirista e racionalista que está ligada ao saber prático adquirido através do conhecimento que se acumula com o tempo; e outra ligada a um evento pontual que altera radicalmente o sujeito e o seu mundo, abrindo-o à possibilidade de compreender a si mesmo e ao mundo a partir do que lhe advém. Essa segunda noção de experiência marca o

caráter de irrepetibilidade de cada situação a qual demanda uma resposta própria do sujeito ao que lhe acontece. O sentido da experiência a partir de um acontecimento implica de modo essencial a singularidade e a individualidade do sujeito ao corresponder a um conjunto de possibilidades a partir do qual o sujeito é solicitado a compreender a si mesmo e ao mundo de maneira nova. Assim [1]:

mesmo quando permanece obscuro para nós, ou ainda, quando ultrapassa os limites da nossa expectativa e da nossa compreensão, o evento é o que manifesta o homem a si mesmo e o inicia à sua humanidade. O homem só existe na sua relação com o evento, isto é, com o imenso, o assombroso e o enigmático. (p. 176)

Tal perspectiva coloca a subjetividade para além de uma concepção metafísica na qual o sujeito é definido a partir de um fundamento absoluto e de seus atributos de permanência e identidade. Entender experiência como um evento reflete uma subjetividade que só se compreende e se revela a partir do movimento de apropriação em primeira pessoa do campo de possibilidades que um evento abre a partir do seu surgimento. Não é o sujeito que faz a si mesmo ou o mundo que faz o sujeito, mas é através de sua resposta pessoal ao que lhe advém do mundo que o sujeito se faz, conhece a si mesmo e ao mundo ao mesmo tempo em que se singulariza. A solicitação de uma resposta pessoal do sujeito não pode, assim, ser mecânica, pois depende a cada vez do campo de possibilidades aberto por um evento. Essa dinamicidade própria do existir humano [1], revela que a “existência é (...) como uma ‘tarefa’ a realizar e a compreender a partir dum sentido e duma realidade que nos excedem necessariamente, e que nós nunca esgotaremos” (p.189).

1.2. Liberdade e responsabilidade em Viktor Frankl

Viktor Frankl é um autor que, como Claude Romano, volta a atenção para as implicações de se considerar a resposta pessoal que o sujeito dá ao que lhe acontece como fundador de seu ser e de sua singularidade. Tal singularização aponta para uma importante relação entre liberdade e responsabilidade, como veremos a seguir.

Viktor Frankl (1905-1997) foi um psiquiatra e neurologista austríaco fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia: a Logoterapia ou Terapia do Sentido da Vida, uma abordagem considerada fenomenológica, existencialista, humanista e teísta [2]

Em setembro de 1942, Frankl, sua mulher grávida e família, todos judeus, foram deportados para diferentes campos de concentração. Ele foi prisioneiro em diferentes campos como o de Auschwitz [3]. Libertado somente ao fim da guerra, Frankl toma conhecimento da morte de todos os seus parentes. Essa experiência marcaria definitivamente as suas ideias, principalmente no que se refere à busca de sentido mesmo em condições difíceis que são impostas pela vida.

O período nos campos de concentração foi determinante para o desenvolvimento das ideias fundamentais da Logoterapia. Frankl observava que os prisioneiros no campo de concentração que mais resistiam aos maus tratos,

físicos e psicológicos, eram aqueles que possuíam uma razão, um sentido que os possibilitavam desenvolver recursos para preservar a própria vida. Ele se refere a esse fato tomando emprestada a frase de Nietzsche: “quem tem porque viver, suporta qualquer como” [3].

Entre os conceitos fundamentais da Logoterapia, está o de liberdade e responsabilidade. Liberdade, para Frankl [4], não é fazer o que se quer, ser livre diz respeito a uma liberdade de adesão, de posicionamento. Essa ideia parte do fato de que não se é livre de certas condições, como a raça, a época e o lugar onde se nasce, mas se é livre para se posicionar diante dessas determinações.

Para Frankl [4], o indivíduo é uma unidade bio-psico-sócio-espiritual, onde as dimensões biológicas, psíquicas e sociais se determinam entre si, mas é na dimensão espiritual que emerge a dimensão genuinamente humana, que é capaz de emitir valores, juízos e posicionamentos diante das outras dimensões e do mundo. Como “espiritual” entende-se a esfera do intelecto, a parte responsável pela reflexão, avaliação, compreensão e decisão partindo da consciência humana [5]. Nesse sentido, os prisioneiros no campo de concentração não eram livres da condição de prisioneiros, mas podiam ser livres para escolher como reagir e agir diante dessa condição.

Dessa forma, a liberdade aponta para o caráter de responsabilidade do existir humano. Ser responsável se refere à habilidade de responder ao mundo, habilidade que é própria da dimensão do espírito. Responder ao mundo é o que possibilita a construção do sentido e o que permite a apropriação da realidade evidenciando o caráter de algo único e irrepitível de cada existência e de cada situação. Esse caráter de algo único de cada existência evidencia a missão que cada um tem no mundo. Para Frankl [4], todo indivíduo tem uma missão, no sentido de ser lançado, como um míssil, a uma realidade genérica que solicita uma resposta pessoal. Deixar de dar essa resposta pessoal é deixar perder algo para si e para o mundo.

A resposta pessoal e a busca pelo sentido são possibilitadas por meio da dimensão dos valores. Há três categorias de valores: criadores, vivenciais e de atitude [4]. Os valores vivenciais se realizam ao se receber algo do mundo, seja a partir de um acontecimento ou da contemplação da natureza e das artes:

imagine-se que um homem, amante da música, está sentado na sala de concertos e que, precisamente no instante em que lhe soam aos ouvidos os compassos mais tocantes da sua sinfonia predileta, sente aquela forte comoção que só se experimenta perante a beleza mais pura. Suponha-se agora que, nesse momento,

alguém lhe pergunta se a sua vida tem um sentido; a pessoa assim interrogada não poderá deixar de responder que valeria a pena viver, mesmo que fosse só para experimentar a vivência desse doce instante. (p. 82)

Os valores de atitude emergem diante de um destino imutável ou inevitável, nesse caso trata-se de extrair do trágico um sentido. Sendo inevitável o confronto com a tríade trágica da existência humana - o sofrimento, a culpa e a morte - como seria possível, ainda assim, dizer sim à vida? [4]. Segundo Frankl [6], nos valores de atitude, a vida se revela numa limitação que solicita precisamente um modo de se comportar diante dessa limitação, pois “enquanto está consciente, o homem tem uma responsabilidade perante os valores” (p. 83). Esse fato afirma uma vez mais o ponto de partida da Logoterapia: ser-homem é ser-consciente e ser-responsável.

É importante ressaltar que a afirmação de sentido ou de valores não é algo que se possa manter fixo ou algo que se reduza a um abstracionismo. Para Frankl [6], o caráter de algo único e irrepitível de cada indivíduo e de cada situação exige que o movimento de apropriação do mundo seja ativo e refeito a cada nova situação, uma vez que “a vida pede ao homem uma elasticidade declarada, uma adaptação elástica às oportunidades que se lhe oferecem” (p. 81). Para Pereira [7], a objetividade do sentido da vida impede que o sentido seja tomado de forma genérica, abstrata ou fixa, pois pelo termo “vida” deve-se pressupor “a existência concreta e singular de uma pessoa, num determinado contexto histórico e situacional” (p. 160).

Frankl [6] acrescenta ainda que as três principais vias de concretização de um sentido pessoal no mundo são: uma causa a que se dedica, uma obra que se realiza ou uma pessoa a quem se ama. Por essas três vias, o indivíduo pode dar a sua contribuição pessoal e marcar a sua existência no mundo, de forma única e insubstituível.

2 METODOLOGIA

2. Algumas visões sobre cultura

Se a natureza é sempre de alguma forma cultural, então as culturas são construídas com base no incessante tráfego com a natureza que chamamos de trabalho. As cidades são construídas tomando-se por base areia, madeira, ferro, pedra, água e assim por diante, e são assim tão naturais quanto os idílios rurais são culturais. [8]

Algumas significações que estão na origem do termo cultura são o de “lavoura”, “cultura agrícola” ou o cultivo do que cresce naturalmente, refletindo uma relação íntima e interdependente entre cultura e natureza. A raiz latina de cultura, *colere*, abre-se para significados desde cultivar e habitar até adorar e proteger. As significações em torno de cultura guardam reflexos de transições históricas que dizem do espírito de cada época, as quais expressam desde uma ideia de cultura enquanto atividade e relação íntima com a natureza até a uma significação abstrata ligada a

adjetivações que abrigam juízos de valores como visto no etnocentrismo [8].

A complexa ideia de cultura abrange significações diversas considerando-a, por exemplo, ora como um conjunto de práticas sociais que definem o modo de vida de um grupo específico; o que não é geneticamente transmissível; diretrizes práticas para lidar com o mundo concreto; construção e representação da realidade; e ainda como “estrutura de sentimento” que se arriscaria a transpor a dualidade entre realidade material e experiência vivida [8].

Na distinção entre cultura e civilização proposta por [9] aparece o lugar do que é dado e criado. Civilização pode ser entendida como o conjunto de instituições criadas pelos sujeitos para possibilitar, organizar e facilitar tanto a vida individual quanto a vida social. Civilização, assim, aparece em contraposição ao que é natural se identificando com as formas construídas pelo homem que mudam conforme o tempo, o lugar e as necessidades de cada sociedade.

Cultura, por sua vez, possui uma relação direta com o que é dado, com a natureza, possuindo como fundamento a relação e a experiência de colaboração entre o homem e a natureza. Para Grygiel [9], nessa atitude de colaboração “a cultura respeita a ordem existente e ajuda-a a exprimir-se plenamente, a realizar-se” (p. 3). Cultura enquanto *colere* reflete a ideia do que é morada para o sujeito e do que deve por ele ser cuidado. Cultura e natureza, assim, se complementam, entendendo-se por natureza:

a essência realizada plenamente do ser concreto que já existe e que não existe ainda; significa o Futuro do ser e por isso constitui o fundamento da sua ação e o sinal de como o homem deve colaborar com esse ser. (p. 3)

Segundo Grygiel [9], civilização enquanto técnica e cultura enquanto morada revelam duas ideias de homem: no primeiro caso, o homem insere a sua própria ordem como se em todo lugar que fosse houvesse uma realidade bruta a ser lapidada conforme sua necessidade; o homem de cultura, por outro lado, é aquele “que permite a tudo que cresça segundo a ordem adequada de cada ser, e ajuda o seu crescimento” (p. 3).

Tradicionalmente, cultura refletia a ideia de um sujeito universal o qual designava valores compartilhados fundamentados numa humanidade em comum, o que tornava possível a submersão de particularismos e contingências sociais, sexuais e étnicas, para que cada indivíduo pudesse ele mesmo se tornar um sujeito universal. Mas no mundo moderno, para Eagleton [8] o termo cultura passou a significar “a afirmação de uma identidade específica – nacional, sexual, étnica, regional – em vez da transcendência desta” (p. 60). A consequente autoafirmação de identidades

que se veem isoladas e oprimidas aproximou a significação de cultura de um campo carregado de conflito.

A visão de uma cultura de particularismos própria do mundo moderno possui raízes em concepções realistas e idealistas, ora colocando a cultura no campo do relativismo, ora aproximando-a de abstrações desconectadas do mundo concreto [10]. O pensamento fenomenológico, corrente filosófica proposta pelo filósofo alemão Edmund Husserl, oferece uma perspectiva de superação dessa visão parcial de cultura na qual ora é colocada ênfase na subjetividade do sujeito, ora na objetividade do mundo. A perspectiva fenomenológica se propõe chegar às essências dos fenômenos e seus elementos descritíveis os quais permitem dizer o que algo é. Chegar à essência é chegar à relação estruturante entre as vivências subjetivas e o mundo concreto, e que nada tem a ver com uma essência natural, pré-determinada, metafísica ou imutável.

Para dizer dessa relação entre realidade objetiva e subjetiva, Husserl propõe o termo “mundo-da-vida” como o lugar onde o sujeito conhece o mundo, elabora suas próprias vivências e as compartilha com o grupo ao qual pertence. Dessa forma, mundo-da-vida e cultura coincidem como sendo o mundo histórico-cultural concreto sedimentado intersubjetivamente, construído pelo sujeito e ao mesmo tempo constituído pela linguagem, valores, história e saberes [11].

Cultura como mundo-da-vida recoloca a centralidade da experiência para a constituição do sujeito a partir de sua imersão num mundo histórico e natural no qual se fundamentam os bens, os valores e a cultura [12]. É possível, assim, falar objetivamente sem excluir o subjetivo, conhecer o mundo através do sujeito e conhecer como o sujeito conhece o mundo, salvando subjetividade e objetividade.

Dessa forma, apreender os elementos estruturais da relação entre as realidades objetivas e subjetivas torna-se um caminho para chegar às vivências do sujeito superando abstrações e revelando o próprio mundo que o circunda, um mundo que é natural, cultural e compartilhado.

Considerar a relação entre realidades objetiva e subjetiva como fundamento cultural nos ajuda a entender a cultura como um processo dinâmico e contínuo que oferece ao sujeito os meios para ele se desenvolver, ao mesmo tempo em que oferece a base para ele ser si mesmo e, assim, movimentar esse processo dinâmico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. A liberdade como fundamento ontológico e cultural

Se a palavra “cultura” guarda em si os resquícios de uma transição histórica de grande importância, ela também codifica várias questões filosóficas fundamentais. Neste único termo, entram indistintamente em foco questões de liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado. Se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz. [8]

O tema da liberdade tem sido tomado na contemporaneidade sob um solipsismo que ganha especial destaque numa época de enaltecimento do individualismo, de pluralização e fragmentação das esferas de vida sociais sujeitos, de crises de sentido e quebra do fluxo de elaborações das vivências [13]; [14]; [15].

O individualismo e o relativismo característicos do mundo moderno podem levar a uma apreensão e compreensão da cultura a partir de suas variações como se não houvesse nenhum princípio unificador que ligasse a diversidade de manifestações culturais. O questionamento no campo da psicologia social à concepção de uma natureza humana cristalizada presente na ideia de universal tem caído muitas vezes em relativizações e ofuscamento da potência de vida e criação humana [15].

A tentativa, necessária, de superação dessa perspectiva naturalizante e cristalizada do indivíduo tem retirado dos campos de estudos da relação homem/sociedade ideias que de alguma forma tenham como referência a potência de posicionamentos pessoais enquanto fundamento tanto da pessoa quanto da cultura. Tirar da discussão essa potência pessoal é assumir o risco de se libertar do princípio da universalidade do humano e se tornar prisioneiro das contingências culturais e sócio-históricas, como se não houvesse nenhum princípio estruturante no sujeito e, assim, a cultura nele se naturalize [15].

De acordo com Sawaia [15], se as contingências culturais não abrem espaço para uma ontologia e se o sujeito se torna produto da cultura e da sociabilidade uma das primeiras consequências que surge dessa concepção é o culturalismo e o relativismo ético que se justifica pela diversidade cultural e onde

liberdade resume-se aos direitos humanos, culturalmente definidos e o sujeito se confunde com eles ou com a ausência deles. Talvez, por isso, assiste-se, atualmente, a uma sobrevalorização do direito e uma desvalorização da ontologia, o que, por sua vez, favorece a nossa submissão aos sentidos, culturalmente dominantes. Dessa forma (...) em cada país e em cada um de nós há pretexto para que os direitos humanos não sejam respeitados em nome de outros valores considerados mais elevados. (p. 146)

A perda da unidade entre cultura e subjetividade como referência e fundamento do que é cultural e do que é humano e a exclusão de qualquer ideia que se refere ao elemento que unifica a humanidade gera indiferença, intolerância e individualismo. Se não há nada em comum nos sujeitos, se cada lugar é regido unicamente quanto às suas particularidades, o outro se torna estranho, não há justificativa para compartilhar experiências

e se perde o horizonte em comum que tem como um de seus fundamentos a unidade entre passado, presente e futuro.

A perda de horizonte comum e da referência do tempo em sua unidade de passado, presente e futuro fica evidenciado em posicionamentos que enaltecem o presente e o desconectam de um passado e de um futuro. O individualismo associado ao enaltecimento do presente leva a uma exaltação descontextualizada do *carpe diem*, onde o “aproveite o dia” do poeta romano Horácio passa a significar uma fuga desesperada no presente onde a máxima fruição possível do momento aparece como forma de lidar com a brevidade e fragilidade da vida e sua ausência de sentido [16].

O culto da razão, do individualismo e do pragmatismo, característico das sociedades modernas, que tem como referência a transitoriedade e a deterioração do tempo e das coisas até o seu desaparecimento, cancela a possibilidade de um pensamento e existência escatológicos que ofereçam um caminho ao sentido e ao valor da existência pessoal [9].

Considerar a interdependência entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz, entre subjetividade e cultura, é considerar que o sujeito não é totalmente determinado culturalmente e nem está completamente livre de seu mundo historicamente dado. Enfrentar a complexidade dessa relação é cuidar de não se cair em reducionismos que ora confere ao sujeito autonomia total diante da realidade e ora o reduz a um produto cultural feito a partir das determinações de cada época e lugar.

A liberdade consiste, assim, em um posicionamento humano diante de um mundo em constante solicitação de resposta, um posicionamento que é frágil ao mesmo tempo em que é carregado de potência. É frágil por ter raízes em determinações limitantes e finitas de cada ser, mas é também potente por ser reflexo do potencial criador que cada vida carrega.

4 CONCLUSÃO

Como vimos, a impessoalidade é originária da existência humana [1]. A realidade é sempre genérica, ou seja, o mundo chega ao indivíduo sempre de maneira impessoal, com uma solicitação de ser tomado de modo próprio. Singularizar-se, ser si mesmo, nessa perspectiva, só se concretiza através de uma resposta própria a essa realidade genérica.

O caráter de irrepitibilidade de cada situação e de cada existência evidencia o processo dinâmico da relação entre subjetividade e cultura. Essa relação acontece através do movimento contínuo de apropriação e reelaboração do que é dado e é reconstruído pelo sujeito num mundo originariamente compartilhado. Cada sujeito, ao nascer, imediatamente começa a participar da vida de uma época, de tal forma que todos os sujeitos originariamente se encontram ligados por um horizonte comum de um mundo historicamente dado o qual serve de base para suas vivências.

O singular, expresso por cada sujeito, e o universal, a base para as vivências, não se constituem, pois, por antagonismos. Singular e universal se complementam para representar o conjunto de experiências, socialmente determinadas, as quais servem de intermédio entre a singularização e o ato universal [15].

Apropriar-se do que é dado, singularizar-se, a partir de uma resposta própria e pessoal vai além das reações diante do mundo ou de uma simples ação particular. Singularizar-se, ser si mesmo, diz respeito à forma como se responde a essa reação ante aos acontecimentos, ante ao mundo historicamente dado. Evidenciando, assim, o horizonte comum unificador do que é humano e marcando o caráter de um mundo originariamente compartilhado e o caráter de liberdade e responsabilidade de cada ser.

A liberdade enquanto fundamento ontológico e cultural revela, assim, o processo contínuo e dinâmico entre subjetividades e cultura. Um processo que se movimenta a partir de posicionamentos pessoais de elaborações e reelaborações de um mundo compartilhado, cultural e historicamente dado que se faz e refaz a partir desses posicionamentos. E assim, sujeito e cultura se fundam por um mesmo elemento comum, tomando forma própria segundo respostas pessoais às solicitações contínuas do mundo de ser tomado de modo próprio.

Concluimos que o potencial originariamente humano de criação e de livre agir carrega implicações que unifica subjetividade e objetividade, vida individual e vida social, sujeito e cultura. Implicando, ainda, numa dimensão ética que não se restringe aos particularismos e arbitrários de cada sociedade que geram indiferença, mas que convida a recolocar a centralidade e a unidade entre subjetividade e cultura.

REFERÊNCIAS

[1] Martins, J. G. Experiência e subjectividade em Claude Romano. In: J. M. Cantista (Org.). *Desenvolvimentos da fenomenologia na contemporaneidade*. Porto: Campo das Letras; 2007. p. 167-213.

[2] Coelho Junior, A. G., & Mahfoud, M. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*. 2001 [acesso 10 de setembro de 2023]; 12 (2): 95-103. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/63374/66117>.

[3] Roehle, M. V. Revendo ideias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimento. *Psico*. 2005 [acesso 23 de setembro de 2023]; 36 (3): 311-314.

Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1402/1102>.

[4] Frankl, V. E. *Dar sentido à vida*. Petrópolis, RJ: Vozes; 1990.

[5] Ales Bello, A. *Introdução à fenomenologia*. Bauru, SP: EDUSC; 2006.

[6] Frankl, V. E. *Psicoterapia e Sentido da Vida*. São Paulo: Quadrante; 1986.

[7] Pereira, I. S. (2008). Mundo e Sentido da Vida na Obra de Viktor Frankl. *Psico*. 2008 [acesso em 15 de outubro de 2023]; 39 (2), 159-165. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1507/3696>.

[8] Eagleton, T. *A ideia de cultura*. São Paulo: UNESP; 2005.

[9] Grygiel, S. Saindo da caverna e subindo o monte Moriá: ensaio sobre cultura e civilização. *Il Nuovo Aeropago*. 2002; 19 (2/3), pp. 25-61.

[10] Massimi, M. Psicologia e cultura na perspectiva histórica. *Temas em psicologia*. 2006 [acesso em 8 de setembro de 2023]; 14 (2), p. 177-187. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/7ab23051-367c-40bd-8859-3551c9d83971/001732672.pdf>.

[11] Ales Bello, A. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Bauru, SP: EDUSC; 1998.

[12] Ales Bello, A. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Bauru, SP: EDUSC; 2000.

[13] Berger, P.; Berger, B.; Kellner, H. *Un mundo sin hogar: modernización y conciencia*. Santander, Espanha: Sal Terrae; 1979.

[14] Berger, P.; Luckmann, T. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis, RJ: Vozes; 2004.

[15] Sawaia, B. O irredutível humano: Uma antologia da liberdade. In: N. Guareschi (Org.) *Estratégias de invenção do presente: a psicologia social no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; 2008. p. 143-154.

[16] Cortella, M. S. *Não nascemos prontos! Provocações filosóficas*. Petrópolis, RJ: Vozes; 2006.